

O escritor, o leitor e o livro¹

REGINA ZILBERMAN

PhD em Romanística pela Universitat Heidelberg (Ruprecht-Karls), com pós-doutorado no University College (Inglaterra) e na Brown University (EUA). Foi professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e docente na Faculdade Porto-Alegrense e no Centro Universitário Ritter dos Reis. Atualmente é professora adjunta do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de produtividade em pesquisa 1A do CNPq.

Mas leio, leio. Em filosofias
tropeço e caio, cavalgo de novo
meu verde livro, em cavalarias
me perco, medievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,
verde pastagem. Ou antes carruagem
de fugir de mim e me trazer de volta
à casa a qualquer hora num fechar
de páginas?
Tudo que sei é ela que me ensina.
O que saberei, o que não saberei
nunca,
está na Biblioteca em verde murmúrio
de flauta-percalina eternamente
(ANDRADE, 1983, p. 129-130).

RESUMO Na ficção de Moacyr Scliar, a leitura ocupa um lugar central, acionando o imaginário, colaborando para o conhecimento do mundo e transformando o indivíduo.

ABSTRACT In Moacyr Scliar' fiction, reading plays a central spot, in the sense that it incites the imaginary, helps knowing the external world and change the human being.

PALAVRAS-CHAVE Leitura; livro; conhecimento; imaginário.

KEYWORDS Reading; Book; Knowledge; Imaginary.

O PRIMEIRO LIVRO DE MOACYR SCLiar, *HISTÓRIAS DE UM MÉDICO EM FORMAÇÃO*, foi publicado em 1962, o último, *Eu vos abraço, milhões*, em 2010. No decorrer de quase cinquenta anos, o escritor construiu uma obra sólida, conhecida e prestigiada nacional e internacionalmente. Dessa constam romances, contos, novelas, crônicas e ensaios, publicados no Brasil e no exterior, antologias próprias e presença em coletâneas coletivas, traduções e textos para crianças.

Tal participação na literatura confere a essa obra características próprias, configurando-a enquanto um universo autônomo e autossuficiente. Por isso, puderam ser identificados nela seus traços mais marcantes: a narração da trajetória da imigração judaica da Europa para o Brasil, com suas consequências mais diretas, tais como a instalação desse contingente de pessoas no país, especialmente no Rio Grande do Sul, as dificuldades de adaptação, a preocupação com a educação dos filhos, o sucesso profissional desses, os problemas pessoais decorrentes da integração ao novo modo de vida, sendo essa a matéria de romances como *A guerra do Bom Fim* (1982), *O exército de um homem só* (1973), *Os deuses de Raquel* (1975), *O ciclo das águas* (1977), *O centauro no jardim* (1980), *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983), *Cenas da vida minúscula* (1991), *A Majestade do Xingu* (1997).

A partir desse tema central, Scliar permite-se a representação do Brasil moderno, cujos retrato e complexidade transparecem por intermédio do percurso existencial das

personagens que criou. Essas se integram ao processo de formação da burguesia nacional, que é também o de urbanização e modernização do país, e experimentam os efeitos das mudanças: dilaceram-se entre amoldar-se docilmente ao sistema, com frequência abdicando de suas tradições, assimilando-se, portanto, como se verifica em *O centauro no jardim* ou *Cenas da vida minúscula*; ou reagir a esses apelos, postando-se criticamente diante deles, o que pode significar tanto a retomada dos laços com o judaísmo, quanto a tentativa de modificar a sociedade, quando não expressa o esforço em associar essas duas atitudes, de algum modo transformadoras, de que é exemplo o Capitão Birobidjan, protagonista de *O exército de um homem só*.

A análise dos componentes sociais encontráveis na obra de Scliar volta-se seguidamente à exposição dos tópicos antes resumidos. Sem rejeitá-los, seria o caso, entretanto, de orientar a visão para outro campo, que, se não é divergente, associa o escritor de outra maneira a um tema que tem igualmente ligações com o mundo judaico – o culto do livro, de que é sinal a celebração de datas como a que comemora *Simchat Torah*, período em que recomeça a leitura dos cinco livros de Moisés. Com este propósito, procura-se doravante chamar a atenção para a forma como, nos romances, o livro e a leitura são elaborados na condição de experiência, examinada antes desde a perspectiva particular do autor, a seguir desde o ponto de vista das personagens.

O tema se apresenta desde os escritos iniciais de Scliar. No entanto, procurando privilegiar a trajetória pessoal do ficcionista, transcrevem-se suas lembranças das primeiras leituras, que, se ocorreram na infância por estímulo da família, foram narradas nas suas *Memórias de um aprendiz de escritor*:

Cresci ouvindo histórias. Porque tinham histórias a contar, eles: meus pais, meus tios, nossos vizinhos. Eram, na maioria, emigrantes. Da Rússia. Lá tinham vivido, como seus antepassados, em pequenas aldeias, em meio a uma lírica miséria, lendo a Bíblia, praticando a religião, e trabalhando como artesãos e pequenos comerciantes.

Contar histórias. Eis uma coisa que meus pais sabiam fazer particularmente bem, com graça e humor; sabiam transformar pessoas em personagens, acontecimentos em situações ou cenas.

De minha mãe adquiri o gosto pela leitura. Éramos pobres; não indigentes; não chegávamos a passar fome; mas tínhamos de economizar. Apesar disto nunca me faltou dinheiro para livros. Minha mãe me levava à tradicional Livraria do Globo e eu podia escolher à vontade. Desde pequeno estava lendo. De tudo, como até hoje: Monteiro Lobato e revistas em quadrinhos, divulgação científica e romances. Mesmo os impróprios para menores. Minha mãe tinha Saga, de Erico Veríssimo, escondido em seu roupeiro; naquela época, Erico era considerado um autor imoral. Falava em (horror!) sexo. Mas eu logo descobri onde estava a chave, e quando minha mãe saía, mergulhava na leitura proibida.

Monteiro Lobato era meu autor preferido. Mas eu também lia o “Tesouro da Juventude”, uma enciclopédia infanto-juvenil em dezoito volumes. Curioso, eu queria saber tudo: por que chove? Quem depois de morta foi rainha? Lia, lia. Deitado num sofá, o livro servindo como barreira entre eu e o mundo. Isto: o livro é uma barreira; mas é também a porta. A porta para um mundo imaginário, onde eu vivia grande parte do meu tempo.

Interrompo a tarefa de escrever estas linhas, levanto-me, vou até a prateleira onde estão os meus livros infantis. São infantis mas não os de minha infância: estes sumiram. Aos poucos, num sebo

e em outro, fui refazendo parte de minha biblioteca de então: *Rute e Alberto*, de Cecília Meireles; *Os nenês d'água*, de Charles Kingsley; *Alice no país das maravilhas*; *As aventuras de Tibicuera*, de Erico Veríssimo; *Histórias de um quebra-nozes*, de Alexandre Dumas; Robin Hood, Tarzan, livros sobre piratas... Apanho um volume: é a trigésima edição de *Cazuza*, de Viriato Correa, obra concluída pelo autor justamente no ano em que nasci – 1937. Folheio-a com a mesma sensação que tive pela primeira vez, a de descobrir um Brasil que eu não conhecia, o Brasil do Maranhão, o Brasil do Pata Choca, do Padre Zacarias, de Luiz Gama. O Brasil do professor João Cândio dizendo – numa época em que o ufanismo era a tônica: “Somos um país pobre, um povo pobre... Mas justamente porque a terra não é mais doce, nem a mais generosa, nem a mais rica é que é maior o valor de nossa gente”. Humildes livros, bravos livros (SCLIAR, 1984, p. 22-24).

O trecho em que o Autor recorda esse período da infância foi publicado em um livro dirigido às crianças. A circunstância é sugestiva da relação que Scliar pretende estabelecer com seus leitores: dá a entender que, agora adulto, deseja repetir, com os jovens que o leem, uma experiência imitada dos pais e de efeitos positivos. Contando seu passado e transformando-o em matéria de leitura, espera ver reproduzido o processo que vivenciou, por intermédio do qual teve seu gosto despertado para a literatura, sentiu-se reintegrado à tradição de onde proveio e sensibilizou-o para os problemas de seu tempo e espaço.

O trecho não apenas ilustra experiências iniciais dignas de serem multiplicadas; traduz ainda o modo como o escritor compreende a leitura: julga-a uma forma de conhecimento, transmitindo informações que satisfazem curiosidades e, ao mes-

mo tempo, posicionam o indivíduo na sua época e local. Assim, por um lado, o livro é um elemento da rotina doméstica e parte da família, pois amplia e solidifica a função dessa, ao possibilitar ao leitor entender seu lugar na tradição e no presente. De outro, é um componente da vida cotidiana, integrando o ser humano à cultura e dando-lhe a autonomia e a consciência necessárias para encarar a sociedade que o espera. Os textos lidos assumem então caráter eminentemente agregador, dando sentido e ordem à existência; por isso, precisam ser transportados da infância à idade adulta, fato que determina mais um elo: o do ser humano com sua história pessoal, na qual as obras consumidas desempenharam papel decisivo.

Esses elos acabam por desenhar um perímetro maior, porque o ficcionista depois repassa-os a alguns de seus heróis. Em razão disto, cumpre verificar como se comportam as personagens criadas por Moacyr que são também leitoras. *O exército de um homem só* é protagonizado por Mayer Guinzburg, jovem revolucionário que, com seus amigos, idealiza um mundo novo e mais justo. Os encontros do grupo, durante os quais se planeja uma sociedade superior, são permeados de literatura:

1928. Mayer Guinzburg, sua namorada Leia, e seu amigo José Goldman passeavam à noite no Parque da Redenção. Fazia frio, mas eles não se importavam; corriam, saltavam, rolavam na grama, riam e cantavam.

Leia declamava os versos de Walt Whitman. (...) Walt Whitman. Depois de 1848, Walt Whitman preferia conviver com trabalhadores e gente humilde, explicava Leia. Até então vestira-se como um peralvilho; mas desde esta época usava trajes rudes. Queria abraçar o povo, beijar o povo, fundir-se nele. Declamando, Leia tremia de emoção. Era meiga e loira. Morava sozinha com o pai. A mãe

os abandonara quando Leia tinha cinco anos. O pai era doente; quando se incomodava com Leia, dizia que ela ainda acabaria por matá-lo. Por causa disto, Leia chorava muito. Depois enxugava as lágrimas, procurava seus amigos e declamava para eles. (SCLIAR, 1973, p. 13-14)

Naquele ano Mayer Guinzburg lia Rosa Luxemburg (1870-1919), que ele chamava carinhosamente “minha rosa de Luxemburgo”, embora ela não fosse de Luxemburgo e sim da Polônia. Muito moça, emigrava para a Alemanha, lá casando com um trabalhador. (...) Rosa de Luxemburgo... Mayer Guinzburg chorava lendo as “Cartas da Prisão”. Rosa de Luxemburgo; Mayer Guinzburg tinha uma fotografia dela; um rosto puro e iluminado, parecido ao de Leia. Rosa de Luxemburgo (SCLIAR, 1973, p. 25).

1942. Mayer Guinzburg ainda não tem certeza, mas sabe que acabará por fazê-lo: no trigésimo sétimo dia de sua doença saltará da cama, livre de toda a fadiga. Se vestirá silenciosamente, olhando Leia que dorme; porá calça e camisa velhas, botas, blusão de couro. Preparará rapidamente uma mochila, não esquecendo os livros: “Judeus sem dinheiro”, de Michael Gold, “O caminho da liberdade”, de Howard Fast; as obras de Maiakovski e Walt Whitman; seu álbum de desenhos; o “Canto a Birobidjan”, de José Goldman. Irá ao quarto dos filhos; murmurará, beijando-os na testa: “Adeus, Spartacus. Adeus, Rosa de Luxemburgo”. Abrirá a porta, contemplará um instante as casas da Felipe Camarão, encherá os pulmões com o ar fresco da madrugada e então iniciará a marcha. (SCLIAR, 1973, p. 55).

Também lia contos de Isaac Babel.

Isaac Babel, de Odessa, era filho de um comerciante judeu. Após a revolução russa foi comissário político na cavalaria de Budieni. Escreveu contos sobre suas vivências de guerra. Mais tar-

de foi preso e enviado para um campo de concentração, onde morreu em 1941. Em 1942 o Capitão Birobidjan não sabia disto; ninguém sabia. (SCLIAR, 1973, p. 61).

Por sua vez, Paulo, protagonista de *Os voluntários* e dono de um modesto bar em uma conhecida zona proletária de Porto Alegre, passa o tempo narrando seu passado aos fregueses, especialmente a aventura vivida anos antes, quando tentou levar Benjamin, amigo de longa data e agora moribundo, para Jerusalém, a fim de realizar o velho sonho do companheiro. Suas recordações conduzem-no de volta à infância e às leituras feitas por recomendação do pai, um emigrante português:

Foi ele quem me introduziu a Herculano, por exemplo. É verdade que depois preferi os livros da Coleção Terramarear, *A ilha do tesouro* sendo o meu predileto; mas não foi por falta de incentivo de meu pai. Eu ainda pequeno, ele me declamava (como outros contam histórias infantis) Camões: *Sôbolos rios que vão/Por Babilônia me achei...* Realmente culto, papai. Apreciava ainda o bom teatro; não era rico, nunca fomos ricos, ao contrário, mas sempre que havia espetáculos no Coliseu ou no São Pedro, lá estava ele, nas galerias, cujos lugares custavam mais barato. Sozinho: mamãe não gostava dessas coisas. (SCLIAR, 1979, p. 19).

Guedali, herói de *O centauro no jardim*, também foi, na adolescência, leitor voraz, isto por estímulo do pai, que, como os outros familiares citados, não poupava esforços para dotar o filho de uma educação elevada:

Durante o dia, eu tinha de ficar enclausurado – nem para o pátio o pai permitia que eu saísse – e sem nada para fazer. Dediquei-me a ler. O quar-

to foi pouco a pouco se enchendo de livros. Li tudo; desde as histórias de Monteiro Lobato ao *Talmud*. De 1947 a 1953 li ficção, poesia, filosofia, história, ciência – tudo. Em se tratando de livros meus pais não economizavam. Lê, meu filho, lê, dizia minha mãe, essas coisas que tu aprendes nunca ninguém vai poder te tirar; não importa que sejas defeituoso, o importante é ter cultura. (...) Na parede, iam se enfileirando os diplomas emoldurados; até que um dia o carteiro, curioso, perguntou a meu pai quem era o Guedali, causando-lhe enorme pânico. Resolvi então suspender a correspondência. Mas a leitura não. Passei a procurar nos livros respostas às dúvidas que me inquietavam. (SCLIAR, 1980, p. 54-55).

Leitor enclausurado é igualmente Max Schmidt, menino tímido que, como Guedali, encontra nos livros a resposta às suas inquietações interiores:

Não. Max não gostava da loja, território do pai e do tigre de Bengala. Mas do depósito sim, gostava. Ao longo dos anos foi adquirindo o hábito de se refugiar ali para ler, coisa que Hans Schmidt considerava esquisita, mas que permitia ao filho – afinal era pai. No depósito, Max leu Andersen e Grimm, e, por insistência da mãe, Goethe e Schiller. Mas seus favoritos eram os relatos de viagem, a começar por uma coleção chamada *Aventuras do Pequeno Pedro*. (SCLIAR, 1981, p. 13).

Se os últimos leitores citados eram jovens, cabe agora lembrar Nicola, o sapateiro socialista de *A festa no castelo* que procura, tal como a primeira personagem citada, Mayer Guinzburg, o Capitão Birobidjan, construir uma nova sociedade segundo princípios igualitários. A leitura completa sua existência, a ponto de ocupar totalmente sua casa e expulsar delas as atividades regulares próprias à

vida doméstica:

Morava numa casinha, hoje demolida, de porta e janela. Na peça da frente, instalara sua oficina. Os outros aposentos, pequenos, estavam atulhados de livros e revistas; chegar à cama era para ele uma operação complicada, e mesmo no banheiro e na cozinha havia livros empilhados. Nunca vi ninguém ler tanto. Mal acordava, pegava um livro. Lia no banheiro, lia enquanto comia, às vezes deixava de lado o sapato que estava consertando para ler. (SCLIAR, 1982, p. 9).

Nem todos os protagonistas dos romances e novelas de Moacyr Scliar são leitores dessa natureza, profundamente mergulhados na literatura. Encontram-se ali comerciantes e profissionais liberais, prostitutas e políticos, domésticas e banqueiros para quem a leitura não provoca envolvimento maior. No entanto, os tipos descritos, entre os quais se acham, por paradoxal que pareça, muitos comerciantes, mas nenhum intelectual, apenas um sapateiro mais culto que outros de sua profissão, formam efetivamente um grupo com identidade própria. Pelo fato de se mostrarem leitores vorazes e apreciarem sua atividade; e também por serem todos homens que querem mudar o mundo, vale dizer, revolucionários, idealistas, batalhadores.

Mayer Guinzburg e o sapateiro Nicola são os mais comprometidos com o socialismo; Max não tem partido político, mas combate destemidamente a opressão. Da sua parte, o idealismo de Paulo se revela, ao lançar-se, desconsiderando os perigos e as consequências, a uma aventura quixotesca e sem chance de sucesso apenas para satisfazer a última vontade do amigo moribundo. E se Guedali busca determinadamente acomodar-se ao sistema, agindo, pois, na direção contrária a dos companheiros, cumpre lembrar que ele é o mais margi-

nalizado de todos. Também no seu caso, o empenho procede de um ser alheio ao meio dominante, sua luta traduzindo não o desejo de conservar, mas o de se transformar para ser aceito.

Coincidência ou não, leitura e tentativa de mudança caminham juntas na obra de Moacyr Scliar. Não há leitores confortavelmente acomodados ao estabelecido, não há revolucionários que não tenham sido e permaneçam homens de livros. Por sua vez, nem todos esses idealistas se assemelham, nem sua atividade toma sempre a mesma direção. Se os socialistas tentam pôr em prática suas ideias, os comerciantes, como Paulo e Guedali, convertem-se em contadores de histórias.

Paulo verbaliza sua experiência cada vez que encontra alguém disposto a ouvi-lo, provavelmente elaborando tantas vezes a aventura vivida, que ela acaba por aportar na ficção. Essa passagem é mais evidente em *O centauro no jardim*, pois aos ouvintes dos pensamentos interiores de Guedali resta a dúvida se seu passado de centauro existiu mesmo ou se ele não inventou tudo, como forma de compensar as mutilações a que se sujeitou. Assim, a fantasia vem a ser a alternativa escolhida por esses homens que tiveram a infância preenchida por livros; e assume uma função básica: permite conservar a integridade dos ideais, mesmo quando a necessidade de acomodação impõe-se, e eles terminam por se conformar à mediocridade de suas existências.

Em certo sentido, o grupo de leitores aqui reunido, ainda que heterogêneo, compartilha um conflito comum. Motivados por ideais generosos, esses homens desejam mudar o mundo; mas são constantemente solicitados a se submeter ao modo de ser da sociedade. Precisam lutar pela própria sobrevivência, e esta só se faz pela concordância com as regras do jogo. Este gesto, todavia, não doma a rebeldia interior deles, que se manifesta seja de ma-

neira agressiva – pela retomada da luta política ou pela reação ostensiva à opressão –, seja de maneira pacífica – pela narrativa de histórias.

A atitude referida por último reabre o ciclo; não tendo condições de concretizar imediatamente seus ideais, os narradores passam-nos aos outros, aos seus ouvintes e, portanto, a nós, os leitores, que um dia talvez possamos transformar em realidade o sonho que moveu o contador das histórias. Eis por que, em um caso e no outro, persiste, na obra de Moacyr Scliar, uma visão iluminista da leitura, provavelmente a mesma que trouxe da infância, resultado de sua trajetória pessoal. A leitura é, para ele, eminentemente emancipadora, porque leva as pessoas a romperem com os limites estreitos da vida cotidiana; e se o indivíduo nem sempre tem meios de efetivar o sonho trazido dos livros, ele pode se converter no seu portador, naquele que, simplesmente por contar como é, propõe novos caminhos, pois revela e amplia as fronteiras da realidade.

Sob este aspecto, o livro é concebido como possibilidade de transformação de um sujeito e, por extensão, da sociedade. E a fantasia, ponto de partida e resultado da ficção, encarada como parte desse processo revolucionário, e não condenada como escapista ou compensatória. A essas concepções pertence igualmente a interpretação dada à sua dupla atividade, a de escritor e de leitor: o primeiro nasceu do segundo e é também seu herdeiro, pois foi por ter incorporado o ideal da leitura que pôde transportá-lo às obras.

O criador foi povoado pelos entes fictícios que conheceu pelos livros; e estes não só estimularam sua imaginação; legaram-lhe um modo original de ver o mundo, modo este de que os protagonistas comprometidos com a instalação de uma sociedade mais justa se tornam portadores. Por sua vez, o escritor espera do leitor posicionamen-

to similar, porque o assumir dessa coincide com a concretização plena de seu ideal de literatura e de humanidade.

É por privilegiar o imaginário e suas representações, como o sonho e o ideal, que Moacyr Scliar reconhece dar vazão à natureza participante da literatura. Porém, aqueles só podem se manifestar, se motivados pelo livro e a leitura. Por isso, nesses radicam tanto o processo de criação literária, como o de transformação do mundo, ali localizando-se o ponto de partida de uma ação orientada para a substituição da situação vigente. Sem dúvida, essas expectativas apresentam um componente utópico; mas não ilusório e enganador, pois todo o esforço de mudança contém necessariamente elementos oníricos, que tanto traduzem uma insatisfação com o presente, quanto o desejo de alterar o que não convém. Na literatura, os dois lados da questão se fazem notar de modo mais evidente, a ficção exprimindo sempre os anseios de modificação, ainda quando esses tomem a forma impalpável da fantasia.

NOTA

1 Neste texto, retomam-se questões levantadas em ensaio anterior, intitulado "Moacyr Scliar e o ideal do livro" (ZILBERMAN, 1988).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. 'Biblioteca Verde' in _____. *Menino antigo (Boitempo – II)*. Rio de Janeiro: Sabiá; José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983.
- SCLIAR, Moacyr. *A festa no castelo*. Porto Alegre: L&PM, 1982.
- _____. *Max e os felinos*. Porto Alegre: L&PM, 1981.
- _____. *Memórias de um aprendiz de escritor*. Rio de Janeiro: Agir, 1984.
- _____. *O centauro no jardim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *O exército de um homem só*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.
- _____. *Os voluntários*. Porto Alegre: L&PM, 1979.
- ZILBERMAN, Regina. 'Moacyr Scliar e o ideal do livro'. *O Estado de São Paulo*, 19 de março 1988, Caderno de Cultura, p. 4-5.